

O quilombo Bom Jardim e seu pássaro Tachã





O quilombo Bom Jardim e seu pássaro Tachã

SUMÁRIO

4

Visão geral

8

Bom Jardim

14

Bom Jardim e o
movimento quilombola

28

A vida cotidiana no
quilombo Bom Jardim

42

O Pássaro Tachã de
Bom Jardim

72

Referências

Visão geral

O quilombo Bom Jardim está localizado na zona rural do município de Santarém, no Oeste do estado do Pará, a cerca de 27 quilômetros de distância da sede municipal. Seu principal acesso é pelo ramal do Jacamim, uma estrada de chão batido com, aproximadamente, 6 km a partir da rodovia estadual PA-370 (rodovia Curuá-Una), na altura do km 27. Saindo da cidade de Santarém, portanto, o trajeto rodoviário até o quilombo dura em torno de 45 minutos.

Nas adjacências do Bom Jardim existem outras comunidades quilombolas, como João Pereira (mais conhecida como JP), Murumuru, Murumurutuba e Tingu, igualmente acessíveis a partir da rodovia Curuá-Una. No relevo dessa região sobressaem platôs, chamados de serras pela população local, que margeiam o lago do Maicá e dele oferecem uma ampla visão – importante fator de proteção contra as expedições de recaptura de pessoas que se rebelam.

vam contra a escravidão nas fazendas da região, no século 19.

As fugas coletivas, que deram origem a inúmeros quilombos no Baixo Amazonas, foram uma estratégia primordial de resistência adotada pelos africanos e seus descendentes, escravizados nas fazendas de cacau e de gado dessa região, e contribuíram para o fim do sistema escravocrata que perdurou no Brasil até 1888. As fugas se intensificaram no século 19 e ocorriam, principalmente, durante as enchentes e festividades de fim de ano.

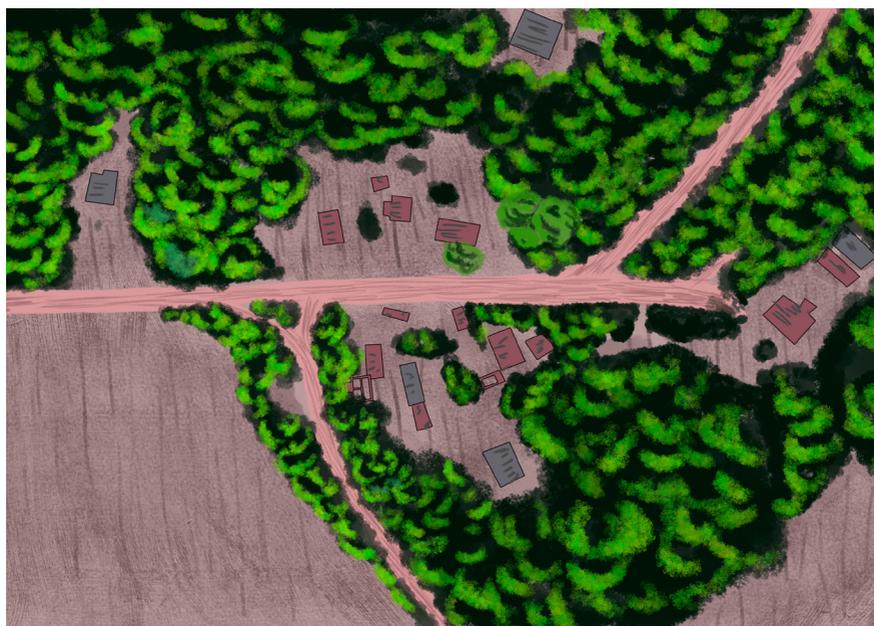
Uma das principais propriedades escravistas em Santarém era a fazenda Taperinha, pertencente ao Tenente Coronel Manoel Pinto Guimarães, o Barão de Santarém, dono de 56 escravos com os quais os negros do Bom Jardim mantinham relações de proximidade, segundo o historiador Eurípedes Funes (2005). De acordo com sua extensa pesquisa, fugiram da Taperinha várias pessoas escravizadas ali, seja para os quilombos dos rios Trombetas e Curuá, seja para localidades

como Tinguá, Ituqui, Urucurituba e Una, em Santarém (Funes, 2005).

O domínio das águas e dos platôs, ou, em outras palavras, das áreas de várzea e de planalto, foi fundamental para a estruturação dos quilombos em Santarém, quer sua ocupação decorresse de fugas ou não, como ocorrido em Bom Jardim. Fontes de água e pescado, o complexo de lagos, rios e igarapés existentes naquela região permitiu a permanência das famílias quilombolas, assim como os platôs lhes apresentaram insumos valiosos para a produção agrícola, uma vez que contêm extensos sítios arqueológicos de terra preta.

Bom jardim

Em Bom Jardim, apesar de a ocupação ter se concentrado, inicialmente, no alto dos platôs de terra preta, as residências estão estabelecidas na parte mais baixa, que propicia facilidade de acesso ao lago do Maicá. Assim, na organização socioespacial da comunidade destacam-se três grandes núcleos residenciais: o primeiro, logo na entrada, à margem do ramal do Jacamim; o segundo, logo depois deste, como que “descendo a serra”, onde há maior concentração de moradias; e o



terceiro estabelecido em torno de um ramal paralelo à margem do rio Maicá, que interliga Bom Jardim ao Quilombo Murumurutuba, por um lado, e à comunidade de Miritituba, pelo outro lado.

A população de Bom Jardim está estimada em cerca de 700 pessoas (FOQS, 2021). Suas principais atividades econômicas são a agricultura familiar, o extrativismo de produtos vegetais e a pesca, todas voltadas para o autoconsumo e a comercialização. Diversos moradores também mantêm atividades regulares na cidade de Santarém, tendo em vista a relativa proximidade do centro urbano e a disponibilidade de ônibus diários. Logo, há um trânsito frequente de quilombolas que vão a Santarém fazer compras de suprimentos alimentares, receber proventos, fazer pagamentos e acessar serviços em geral, bem como para vender produtos agrícolas nas feiras locais.

Diversos moradores também mantêm atividades regulares na cidade de Santarém, tendo em vista a relativa proximidade do centro urbano e a disponibilidade de ônibus diários

Em relação à infraestrutura disponível na comunidade, Bom Jardim conta com energia elétrica implantada pelo programa Luz Para Todos (destinado a ampliar o acesso à energia elétrica para a população rural e residente em áreas remotas da Amazônia) e dois microssistemas que abastecem de água as residências. Feitas em alvenaria, na maioria, as casas também dispõem de banheiro, cuja construção foi apoiada pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Há, ainda, um barracão comunitário onde ocorrem os principais eventos locais; uma igreja católica dedicada ao padroeiro, São Pedro; um campo esportivo e uma



casa de farinha comunitária. Em geral, os espaços de uso coletivo estão dispostos ao longo da via principal que conforma o centro da comunidade.

Os moradores de Bom Jardim são atendidos por dois agentes comunitário de saúde (ACS), contudo a Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima fica na comunidade Jacamim. Destinados ao atendimento de, aproximadamente, 7 mil pessoas além dos moradores de Bom Jardim, os serviços prestados nessa UBS são, além de insuficientes, concebidos sem qualquer tipo de atenção diferenciada para o perfil étnico-cultural da população quilombola. Dessa maneira, muitos cuidados de saúde são providos na própria comunidade, graças aos conhecimentos tradicionais relativos às plantas e seus usos medicinais.

Para mais de 100 crianças e adolescentes de Bom Jardim, a Escola Municipal de Educação Infantil

Os moradores de Bom Jardim são atendidos por dois agentes comunitário de saúde (ACS), contudo a Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima fica na comunidade Jacamim.

e Ensino Fundamental São Pedro oferece até o 9º ano do estudo básico. Embora tenha adquirido essa configuração em 2009, a escola tem uma longa história contada em um livro eletrônico

Segundo contam, tudo começou quando o senhor Francisco Firmino dos Santos liderou uma comitiva até Santarém em busca de uma professora para a comunidade, em 1947.

produzido por membros da comunidade escolar e pesquisadores colaboradores (Silva; Ribeiro; Alves; Ferreira, 2023). Segundo contam, tudo começou quando o senhor Francisco Firmino dos Santos liderou uma comitiva até Santarém em busca de uma professora para a comunidade, em 1947.

As dificuldades de atrair profissionais para o local eram grandes, mas a professora Rosa Canté, que

lecionava na comunidade quilombola Saracura, chegou a ministrar aulas para uma turma multisseriada – com 60 alunos de séries e idades diferentes – durante uma semana, porém logo foi substituída por sua filha, Olívia Canté.

A professora trabalhava em um barracão de barro e palha construído pelos moradores, que mais tarde foi substituído por um barracão comunitário edificado em terras da herança de Otávio Firmino dos Santos. Finalmente, depois de muitas reivindicações, em 1984, a Prefeitura Municipal de Santarém inaugurou a escola da comunidade (Silva; Ribeiro; Alves; Ferreira, 2023).

A organização coletiva para demandar a efetivação de direitos aos poderes públicos, fundamental no processo de implantação da educação formal em Bom Jardim, também surtiu efeito, mais recentemente, sobre o acesso de estudantes da comunidade ao ensino superior. Em 2015, após uma série de debates com líderes de diversas organizações quilombolas no Baixo Amazonas, foi realizado o primeiro edital específico para ingresso de quilombolas em todos os cursos de graduação da maior instituição pública de ensino superior de Santarém, a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Alguns anos depois, surgiram os primeiros processos seletivos diferenciados para quilombolas nos cursos de pós-graduação dessa universidade.

Bom Jardim e o movimento quilombola

A comunidade quilombola Bom Jardim é uma das mais antigas de Santarém, formada pelos descendentes de africanos escravizados na Fazenda Bom Jardim. Francisco Ferreira Filho e Maria Joaquina da Silva Ferreira, casados e donos da fazenda, exploraram o cacau na localidade até o final do século 19. Segundo estudos de Eurípedes Funes (1995), a mulher teria registrado em testamento o desejo de libertar seus escravos e doar-lhes aquela fazenda, o que deveria ser concretizado após a morte de seu marido. Tendo ele falecido em 1876, no ano seguinte o propósito dela se efetivou, conforme o testamento:

Dou liberdade plena a todos os meus escravos sem exceção de cores, crença



e idade. Declaro quão dos meus cacoais pertence à liberta preta Luciana mil pés de caqueiros quão por minha morte lhe deixo em verba testamentária... Deixo a todos os meus escravos menores e a todos os maiores de uso fruto o meu sitio Bom Jardim de terra firme, com quatro e meia de léguas de frente e uma de fundo, com casa de vivenda e seus acessórios, cacoal, cafezal e mais plantações, mattas que pegão... abaixo até o primeiro riacho das terras de Januário da Silva Bonito... para que gozem em comum a fim de não ficarem desamparados.

Dos antigos escravos da fazenda, poucos estavam vivos, então as terras ficaram para os respectivos descendentes. Um deles era José Lino



Guimarães, casado com Silvina Oliveira Guimarães, pai de Francisca Oliveira Guimarães. Esta última, mais conhecida como Dona Jericó, nascida em 1917, no Quilombo Bom Jardim, narrou ao pesquisador Eurípedes Funes (1995) as lembranças que reproduzimos a seguir, conforme ele registrou:

Então tinha o barracão grande lá embaixo, onde até hoje tem um monte de telha lá. Então tinha o Cacoal Grande em cima da terra que o senhor espiava daqui da beira, que enxergava um homem do tamanho de um meninozinho. Então, eles só tinham o direito no talo do cacao para comê, o vinho era para a geleia, o caroço era pra venderem. A farinha, eles faziam a farinha muito bem-feita, e eles tinham o direito na croeira. Tudo se dava com eles. Eles deixavam os filhos deles naqueles barracão na rede de salsarrapilheira, nessas coisas, que quando era de meio-dia vinham dar de mamá, quem dava, quem dava papa dava, quem dava mingau dava. Todos trabalhavam pra eles. Então, quando Maria Joaquina libertou as coisas, porque ela teve liberdade com um dos trabalhadores... Então, aí ela libertou os escravos dela (Funes, 2020, p. 20).

Os antigos herdeiros seguiram seu curso trabalhando a terra, exercendo sua posse e transmitindo-a de geração em geração, mas sem a

segurança da propriedade reconhecida. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas pelas comunidades de quilombos foi assegurado, e o Estado brasileiro foi incumbido de titular essas áreas. Na verdade, o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) n.º 68 dispôs o seguinte: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos". Como o termo quilombo estava, até então, muito associado a povoados formados a partir da fuga de africanos escravizados em lugares remotos e de difícil acesso, inúmeras comunidades negras formadas no bojo de diversos processos de ocupação nem sequer sabiam que faziam jus ao direito territorial expresso na Constituição.

**Os antigos
herdeiros seguiram
seu curso
trabalhando a
terra, exercendo
sua posse e
transmitindo-a
de geração em
geração, mas
sem a segurança
da propriedade
reconhecida.**

Foi nesse contexto que o primeiro Encontro Raízes Negras ocorreu, em 1988, na comunidade Pacoval, no município de Alenquer.

Atraindo pessoas de Alenquer, Óbidos e Oriximi-

Criada em 1989, a primeira organização quilimbola desempenhou um papel essencial no reconhecimento das comunidades quilombolas desse município e ainda apoiou a formação de organizações semelhantes em outras localidades.

ná, o referido encontro constituiu uma oportunidade histórica para a descoberta e o reforço de laços de parentesco perdidos ou fragilizados nos processos de aquilombamento através dos rios e das matas. Foi, também, um evento que permitiu aos afrodescendentes de diferentes localidades discutirem sua história e seus direitos, num passo fundamental para o desenvolvimento de uma consciência coletiva necessária à organização para a busca de direitos igualmente coletivos.

Após o encontro no Pacoval, surgiu a primeira organização autodeclarada quilombola na região do Baixo Amazonas, a Associa-

ção das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Município de Oriximiná (Arqmo). Criada em 1989, ela desempenhou um papel essencial no reconhecimento das comunidades quilombolas desse município e ainda apoiou a formação de organizações semelhantes em outras localidades.

Em Santarém, o senhor Raimundo Elias Sousa de Vasconcelos, da comunidade Arapemã, foi o responsável por incitar contatos com as equipes envolvidas nos Encontros Raízes Negras, que ocorreram anualmente até 1992 e, depois, mais espaçadamente. Logo, em 1994, o movimento quilombola deu os primeiros passos no Bom Jardim e em outras comunidades do município. Em entrevista concedida a Figueira (2011), o líder local Dileudo Guimarães dos Santos, destacou a atuação de Vasconcelos:

[...] um tempo, 80, 90, 96 por aí apareceu um senhor por nome Elias aqui na comunidade. Foi ele que começou a articular as comunidades com a relação dos direitos da Constituição né, e do direito que dava as comunidades quilombolas de titular suas terras. E aí ele começou e eu também comecei a participar com ele nesses encontros (Guimarães *apud* Figueira, 2011, p. 143).

Nesse ínterim, os moradores de Bom Jardim começaram a ter contato com narrativas históricas que referendavam memórias dos mais antigos, inclusive sobre o testamento de Maria Joaquina da Silva Ferreira, doando-lhes as terras ocupadas. O movimento cresceu e, em 1996, houve um encontro

O movimento cresceu e, em 1996, houve um encontro em Belém, para o qual uma liderança de cada comunidade foi participar.

em Belém, para o qual uma liderança de cada comunidade foi participar. O representante de Bom Jardim foi Dileudo. Como ele mesmo contou a Figueira (2011, p. 143), "em 96 nós fomos pra Belém, representantes de seis comunidades quilombolas, foi do Tiningu, Murumuru, Murumurutuba, Bom Jardim, Arapemã e Saracura, já

10 articulados pelo Elias. Era um encontro de Raízes Negras".

No ano seguinte, 1997, foi criada a Comissão de Articulação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Baixo Amazonas, que teria um papel fundamental na organização do movimento quilombola em nível municipal e regional. Com os

conhecimentos adquiridos no encontro, Dileudo Guimarães reuniu os moradores da comunidade Bom Jardim para compartilhar informações sobre os direitos territoriais quilombolas e os processos de afirmação dessa identidade étnica. Quilombolas de Oriximiná, ligados à Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Município de Oriximiná, foram até a comunidade para auxiliar nas discussões.

Inicialmente, houve reações de medo e desconfiança. Por um lado, havia desconhecimento da legislação; por outro, a resistência de fazendeiros instalados em Bom Jardim, a quem não interessava o reconhecimento da propriedade das famílias negras sobre as terras. Dona Deusarina contou a Figueira (2011, p. 144) que:

[...] quando eles chegaram de lá, reuniram o povo, né pra fazer o repasse que já era a documentação sobre terra. Mas aí muitos não quiseram, não aceitaram na comunidade. E aí vem as notícias dos acontecimentos: [ah] porque vai acontecer isso, vão até matar a gente, tu Dileudo tá correndo risco, tá querendo tomar terra dos outros, né e aí com isso eu acho que muito calou eles, o Dileudo mesmo assim parou um pouco.



Naquela época, os conflitos territoriais se intensificavam na região, principalmente devido ao avanço da monocultura de soja, que tomou muitas áreas no entorno de Bom Jardim e dos quilombos próximos. No entanto, com o passar dos anos e a conclusão dos primeiros processos de titulação de terras de quilombo em Oriximiná (entre 1995 e 1998), os quilombolas de Bom Jardim foram desenvolvendo conhecimentos sobre os direitos territoriais assegurados pela Constituição de 1988 e compreendendo que sua história fazia deles sujeitos desses direitos.

O movimento quilombola cresceu paulatinamente na comunidade, à medida que ela ganhava mais visibilidade no cenário regional, fortalecendo o processo de autorreconhecimento dos moradores de Bom Jardim como remanescentes de quilombo. Coroando esse processo, em 27 de julho de 2003, nasceu a Associação de Remanescentes de Quilombo de Bom Jardim (Arqbomja), com o objetivo de lutar por políticas públicas e, principalmente, pela titulação do seu território.

Em 2005, os quilombolas de Bom Jardim comemoraram o Dia da Consciência Negra (20 de novembro) em um evento com apresentação de danças, músicas e poesias, celebrando a própria cultura. No ano seguinte, demonstrando o amadurecimento de sua identidade étnica e sua capacidade de organização da luta coletiva, participaram ativamente da criação da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS), em 10 de março de 2006.

Em relação ao almejado título da terra coletiva, no total de 2.654,863 hectares que, conforme o já citado testamento, são propriedade da comunidade, a Arqbomja ainda vem lutando junto ao Instituto

Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para que se conclua o procedimento administrativo de titulação. Duas conquistas significativas foram feitas em cerca de 20 anos – a certificação da comunidade e a declaração do quilombo como de interesse social –, mas a lentidão do processo tem estimulado pressões externas sobre áreas de uso dos quilombolas.

Para se ter uma ideia do tempo envolvido no processo, o primeiro passo, correspondente à certificação da comunidade, ocorreu em 30 de agosto de 2004, quando a Fundação Cultural Palmares emitiu a certidão de autorreconhecimento de Bom Jardim como remanescente de quilombo. Passaram-se quase dez anos até a publicação, em 2013, do decreto que declara o quilombo Bom Jardim área de interesse social, possibilitando a desapropriação de terras que, no interior dos limites da comunidade, pertençam a não quilombolas, para assim permitir a titulação da área historicamente ocupada. Desde então, a Arqbmja tem participado de inúmeras mesas de discussão com o Incra e o Ministério Público para que os direitos territoriais dos quilombolas sejam efetivados.

Linha do tempo do território quilombola Bom Jardim

Século 19

Os antepassados dos moradores atuais viviam escravizados na fazenda Bom Jardim, de Francisco Ferreira Filho e Maria Joaquina da Silva Ferreira.

1876

Doação testamentada das terras da fazenda para os antigos escravos e respectivos descendentes.

1988

A Constituição Federal assegura às comunidades quilombolas o direito à propriedade das terras ocupadas; primeiro Encontro Raízes Negras, no quilombo Pacoval.

1992

Raimundo Elias Sousa de Vasconcelos começa a articular as comunidades negras de Santarém com as equipes envolvidas nos Encontros Raízes Negras.

1996

Dileudo Guimarães participa de um Encontro Raízes Negras, em Belém.

1997

Criação da Comissão de Articulação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Baixo Amazonas.

2003

Criação da Associação de Remanescentes de Quilombo de Bom Jardim (Arqbomja), em 27 de julho.

2005

Primeira comemoração do Dia da Consciência Negra, em Bom Jardim.

2006

Criação da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS).

2004

Certificação da comunidade Bom Jardim como remanescente de quilombo, pela Fundação Cultural Palmares.

2013

Publicação do decreto que declara o quilombo Bom Jardim área de interesse social.

A garantia da propriedade definitiva das terras ocupadas é fundamental para a segurança das famílias locais, bem como para a continuidade da comunidade e a manutenção da paz em seu interior, uma vez que suas terras são cobiçadas pela agroindústria – fazendas de soja, por exemplo – e por grandes projetos de infraestrutura – como o porto que se planeja instalar nas margens do lago do Maicá – que provocam conflitos com os quilombolas. Ademais, o território é a base física em que se traçam as trajetórias de vidas individuais e coletivas na comunidade, sendo ele mesmo um produto dos trabalhos desenvolvidos pelas pessoas que o habitam, das suas crenças e práticas culturais.

[...] o território é a base física em que se traçam as trajetórias de vidas individuais e coletivas na comunidade, sendo ele mesmo um produto dos trabalhos desenvolvidos pelas pessoas que o habitam, das suas crenças e práticas culturais.

A vida cotidiana no quilombo Bom Jardim

O trabalho nas águas, florestas e roças, assim como a luta pela conservação desses ambientes, é uma constante na vida dos quilombolas de Bom Jardim, muitos deles associados ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém (STTR) e à Colônia de Pescadores Z-20. Na prática, os ofícios extrativistas nas matas se articulam com a agricultura nos roçados e com a pesca no rio Maicá, sendo todos igualmente importantes na comunidade. A produção de artesanato em palha também é uma atividade praticada em Bom Jardim.

A situação do rio Maicá, diante do projeto de instalação de um terminal portuário para favorecer a exportação de grãos produzidos na região e no Centro-Sul do Brasil, é motivo de grande preocupação para a comunidade quilombola. Além de ser sua principal fonte de pescados, esse rio faz parte da paisagem e da história da comunidade. Mesmo assim, os estudos ambientais para construção do porto, inicialmente, afirmaram não ha-

ver nenhum território quilombola na área diretamente afetada pelo empreendimento.

Bom Jardim e outras comunidades quilombolas localizadas nas margens do rio Maicá, representadas pela FOQS, reivindicaram junto ao Ministério Público Federal o direito à consulta prévia, livre e informada sobre o licenciamento do projeto portuário da Empresa Brasileira de Portos de Santarém (Embraps), que, graças a uma Ação Civil Pública julgada procedente, foi temporariamente suspenso e está em discussão. Enquanto isso, os quilombolas lutam pela conservação da biodiversidade local e ensinam os mais jovens a fazê-lo, como expressam os versos da estudante Janayna, publicados no livro eletrônico *Meu Quilombo Bom Jardim*: "o porto não pode ser criado/ porque vai matar bichos inocentes/ e isso vai causar

A situação do rio Maicá, diante do projeto de instalação de um terminal portuário para favorecer a exportação de grãos produzidos na região e no Centro-Sul do Brasil, é motivo de grande preocupação para a comunidade quilombola.

dano pra muita gente" (*apud* Silva; Ribeiro; Alves; Ferreira, 2023, p. 91).

Das matas de Bom Jardim tira-se o açaí, fruto importante na alimentação e na renda das famílias quilombolas. Com efeito, o açazeiro (*Euterpe oleacea* Mart.) é uma palmeira nativa de alto potencial econômico na comunidade. Além da polpa dos frutos, que faz parte da cultura alimentar da população amazônica, dela também se usam as folhas para fazer objetos artesanais de uso doméstico; o tronco para construção civil e os caroços para construção, decoração e artesanato (Silva, 2022).

Em contrapartida, o risco de superexploração do fruto, que ganhou grande projeção no mercado nacional e internacional, requer atenção. De fato, na economia de muitas famílias quilombolas o comércio de açaí é atualmente mais importante que o próprio consumo, mesmo levando-se em conta que a maioria das famílias vende sua produção aos atravessadores a preços mais baixos que os encontrados no mercado. Por isso, pesquisas voltadas à promoção do manejo sustentável e à valorização do produto local têm sido realizadas em colaboração com os próprios coletores de açaí.



As terras, principalmente as chamadas terras pretas de índio, são cultivadas para o plantio de mandioca, macaxeira, milho, feijão, jerimum, hortaliças, mamão, banana e outras frutas. A agricultura é praticada em família e envolve técnicas tradicionais de preparo do roçado, com limpeza e queima de resíduos, que geram nutrientes e enriquecem o solo. O solo também é deixado para “descansar” após um ciclo de colheitas, de modo a recuperar nutrientes para um novo ciclo de cultivo.



Um dos principais produtos agrícolas da comunidade é a mandioca, da qual se faz farinha, beiju, tapioca e outros derivados para comer e vender nas feiras de Santarém. A transformação dessa raiz em alimentos acontece na casa de farinha, onde se processam diversas etapas de trabalho: limpar, descascar, ralar, prensar, torrar, peneirar e ensacar. Em geral, todos os membros da família participam do trabalho, sendo a casa de farinha um espaço de transmissão de conhecimentos e sociabilidades. Apesar de todo o cuidado envolvido nas técnicas tradicionais de cultivo da terra e das plantações, a agricultura familiar em Bom Jardim sofre os reveses da expansão do agronegócio em Santarém,



principalmente voltado para a produção de soja, visando o mercado externo. Além da pressão territorial exercida por fazendeiros, intensificada pela demora da titulação do território quilombola, os agrotóxicos frequentemente aplicados na monocultura de soja atingem a comunidade através dos ventos e da infiltração no solo e no lençol

freático, comprometendo a saúde das pessoas e do próprio território.

Em síntese, o mundo do trabalho em Bom Jardim está intimamente conectado ao território e

Os moradores se queixam da ação de pessoas de fora da comunidade, que, segundo eles, praticam a captura predatória de animais aquáticos nas cabeceiras de rios e igarapés, usando técnicas e equipamentos de mergulho.

aos recursos naturais que ele contém, o que atesta a grande importância do respectivo título de propriedade para manutenção da saúde e do modo de vida da comunidade. Além disso, as práticas produtivas estão conectadas à produção cultural dos quilombolas, à cosmologia local, às memórias e às histórias que atravessam gerações.

Uma das práticas que faz parte do dia a dia na comunidade, envolvendo e encantando gente de todas as idades, é a narração de histórias de visagens

e encantados – seres míticos, não humanos, que geralmente atuam como guardiões da natureza. No poema da professora Maria Herivete da Silva (*apud* Silva; Ribeiro; Alves; Ferreira, 2023, p. 20-21),

“Riquezas do Meu Quilombo”, pode-se perceber a importância da transmissão de conhecimentos por meio das narrativas míticas.

Quem quiser ouvir uma história
Preste muita atenção
Eu agora vou contar
É com muita emoção
Se quiser ficar sabendo
Fique atento, não vacile, agora não

Quilombo de Bom Jardim
Que é bom até no nome
Tuas terras são tão ricas
Que a natureza deixou
Da andiroba o piquiá
Da castanha-do-pará
Tudo isso é riqueza
Não vamos desperdiçar

Tem também tuas lendas vivas
Isso é bom de contar
Do lobisomem à cobra grande

Do negrinho Jará
Cuidado, menina, cuidado
Pois o boto pode te pegar

Não esqueça da mais famosa
Que é a Sapa do Curvão
Tome cuidado, não zombe dela
Pois tudo isso é tradição
Que deve ser respeitada
Contada e recontada

Com toda emoção
Não esqueça que as lendas vivas
Sempre estão presentes
Fazendo da nossa história
A mais bela e atraente.

A história da Sapa do Curvão, mencionada no poema, ilustra bem a ligação íntima entre natureza e cultura na vida cotidiana dos quilombolas de Bom Jardim. Trata-se de uma encantada que habita uma fonte de água tida como um lugar sagrado pela comunidade, como se pode perceber na narrativa contada por Dileudo Guimarães aos pesquisadores França e Guimarães (2020):

Eu tinha um primo chamado Mário Sérgio, que morava em Santarém, mas vinha passar as férias aqui na comunidade com seus pais. Certo dia, fomos pôr fogo no roçado, eu, ele e meus irmãos. Naquele tempo nós fazíamos aqueles fachos de malva para meter fogo no roçado, e quando vínhamos com o feixe de fogo do roçado o Mário Sérgio viu a Sapa dizendo:

— Olha onde está a Sapa do Curvão! Vou já meter fogo nela!

— Não, Mário Sérgio, deixa a Sapa!

— Não! Eu vou meter fogo nela!

Ele meteu fogo nela! Essa Sapa pulava, mas conseguiu sair toda queimada.

— Mas, Mário Sérgio, por que você fez isso com a Sapa?

— É para ela pagar tudo que faz aqui!

Mas quando chegou à noite, deu uma febre e um tremor, ele começou a passar ruim, começou a falar coisas sem sentido e meu pai perguntou:

— O que está acontecendo?

Nós contamos que ele tinha posto fogo na Sapa. Nesta noite ele começou a pular, dando muito trabalho para a gente. Ficamos sem dormir direito. Aí meu pai afirmou:

— Amanhã iremos te levar para a cidade, pois tu estás doente e vamos te levar lá pra Dona Maria Alves.

Esta era uma curandeira que morava em Santarém. Chegando na cidade meu pai falou com a minha tia:

— Olha Germana, vim trazer o Mário Sérgio, pois ele meteu fogo na Sapa e agora tá muito ruim! Vim trazer para a gente levar lá para a Dona Alves.

— Tá, Dileudo! Amanhã irei levar ele.

Eu dormi lá, e de noite ele pulava, via a Sapa embaixo da rede dele, rasgou a rede e quando foi cedo foi o jeito levarem ele lá na Dona Maria Alves. Chegando lá ela disse:

— Olha, é pra ti não mexer com as coisas que veres por aí. Foi a Sapa que ele mexeu que judiou dele.

— E tu tiveste sorte de vir logo para a cidade, pois se tu tivesses matado ela, tu terias morrido também e quebrava o “encanto” do Curvão! Mas como tu não matou ela, então só fez judiar de ti.

Ela rezou nele, e aí ele ficou curado, mas ela disse que era para ele passar uns dias sem vir aqui no Bom Jardim (França; Guimarães, 2020, p 14-15).

Outras narrativas indicam que no Curvão haveria muito diamante e ouro encantado, mas que esse tesouro só poderia ser revelado a quem a sapa

encantada escolhesse. Diz-se, ainda, que em algumas noites, a sapa tem o hábito de subir a serra que dá acesso ao Bom Jardim e depois retornar à fonte, e que quem, no caminho, mexer com ela, será judiado, ou seja, castigado. A fonte do Curvão, apesar de seu alto valor para os quilombolas, foi cercada por um produtor de mamão, que lhes impediu o acesso a ela. Em 2006, por meio de um acordo entre as partes, os quilombolas recuperaram o direito de acesso ao local, mas parte dele fora aterrado para construção de uma roda que canalizou a água para a plantação de mamão. Dessa maneira, além da história da Sapa do Curvão, o que restou aos moradores de Bom Jardim foi a memória de uma fonte que germinava água mineral límpida e cristalina, onde se podia até mergulhar, agora transformada em uma bica.

Além das histórias, as partidas de futebol do time local, as conversas em torno do campo, as reuniões comunitárias e as festividades – com destaque para a Festa de São Pedro, em junho – e as danças de carimbó e maculelê, assim como as rodas de capoeira, são ocasiões privilegiadas de trocas entre parentes e vizinhos. Essas atividades são organizadas por diferentes membros e setores da comunidade, como, por exemplo: a diretoria do clube de futebol, o grupo de mulheres e a equipe catequética. Em todas



elas, a cultura e o modo de vida local são reforçados e transmitidos às novas gerações, contribuindo, assim, para a continuidade da comunidade.



O Pássaro Tachã de Bom Jardim

Tachã é uma ave habitante da mata amazônica, de altura média de 80 cm e peso em torno de 4 kg. Cabeçuda e topetuda, tem um penacho na nuca. Suas penas têm coloração pardo-acinzentada escura, com algumas manchas brancas; no pescoço, formam uma gola preta realçada por uma segunda penugem branca. Emite um som alto a qualquer momento do dia, avisando sobre sua presença ou a de intrusos: é como um grito, mais grave no macho e mais esganiçado na fêmea, que parece dizer “tachã”. Em Bom Jardim, a tachã é representada com penugem amarela e azul, em uma manifestação cultural tradicional chamada cordão de pássaro.



Muito difundidos no período junino no Pará, os cordões de pássaros – também denominados pássaros, simplesmente – consistem em representações dramáticas musicalizadas por um grupo de personagens, entre eles o pássaro. Em regra, essas representações são compostas de uma sequência fixa de comédias (atos declamados e encenados, com um enredo) e cantigas, às quais se somam improvisos criados pelos intérpretes dos personagens. As composições musicais, na maioria dos pássaros juninos e em alguns cordões de pássaros, também podem ser atualizadas. Tudo isso ocorre em um ciclo festivo que envolve preparação (reforma e/ou a confecção de indumentárias), ensaios, apresentações públicas e morte (no caso, a morte simbólica do pássaro encerra o ciclo festivo que será reiniciado no ano seguinte). Em Bom Jardim, o cordão do pássaro Tachã – ou, simplesmente, o Tachã – foi criado pelo senhor Raimundo Ribeiro, conhecido como Tefo. Na infância, ele havia frequentado os ensaios do primeiro cordão de pássaro Tachã de Santarém, criado em meados da década de 1960 na comunidade quilombola Saracura, localizada na região de várzea

do município. Lá, era o senhor Sabino que comandava o cordão, formado apenas por homens.

Os ensaios do Tachã, em Saracura, ocorriam num grande barracão feito de madeira e pintado de branco, referido como Casa Branca, que tinha como finalidade a realização das festas da comunidade. Conta-se que Sabino o teria alugado para realizar os ensaios do Tachã a portas fechadas, para que ninguém pudesse ver o grupo antes de suas apresentações públicas. Assim, só os brincantes podiam entrar na Casa Branca, mas Raimundo Ribeiro conseguiu adentrar o espaço por intermédio de seu tio, com a condição de que ficasse quieto para não atrapalhar os ensaios. Quando se apresentou ao público, o Tachã alcançou reconhecimento na comunidade quilombola Saracura e fora dela, mas, depois de morto naquele ano, não voltou mais a brincar.

Raimundo Ribeiro, por sua vez, mudou-se para Bom Jardim, onde, nos anos 1970, foi convidado pela Dona Ana para ser cabeça – o condutor – do cordão de pássaro que ela desejava “pôr para brincar”. Como cabeça, ele teve o direito de escolher o nome do pássaro que o cordão iria

adotar, e o chamou de Tachã. Assim nasceu o novo cordão de pássaro Tachã, inspirado no de Saracura, mas um pouco diferente dele.

O novo cordão manteve a estrutura de comédias, cantigas, personagens e brincantes de seu antecessor, entretanto escolheu uma menina (e não um menino, como em Saracura) para carregar o Tachã na cabeça, diante da justificativa de que em Bom Jardim não havia meninos que quisessem dançar ou “voar” com a mesma desenvoltura vista em Saracura, e introduziu uma fila composta por mulheres para formar pares com os homens. Sua composição variava de 40 a 60 componentes, e agregava novos brincantes a cada ciclo festivo, ficando cada vez mais famoso.

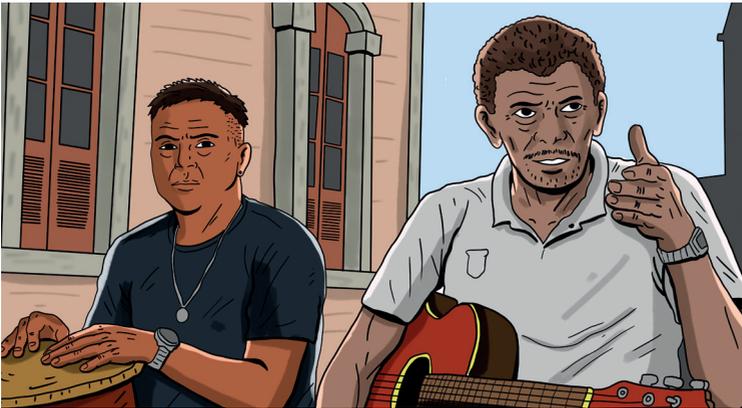
Em 2008, a brincadeira se fortaleceu em reação a uma afirmação equivocada exposta no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do quilombo, de que haveria um “afastamento da cultura original dos escravos na questão

Quando se apresentou ao público, o Tachã alcançou reconhecimento na comunidade quilombola Saracura e fora dela, mas, depois de morto naquele ano, não voltou mais a brincar.

do folclore" (Lima, 2014, p. 24). Para fazer contraponto a essa ideia, a comunidade viu no cordão uma estratégia de afirmação e expressão pública de sua identidade étnica. Assim, como disse Ribeiro, "o Tachã entrou como uma cultura pra defender as nossas terras".

Entre 2011 e 2014, período da pesquisa que deu origem a este livro, o Tachã de Bom Jardim era composto por, aproximadamente, 30 pessoas de 11 a 64 anos que se dividiam entre encenar os papéis das comédias, bailar no cordão (brincantes), cantar e tocar as músicas da brincadeira. Essa composição variava conforme a demanda de apresentações, mantendo-se sempre a presença dos personagens das comédias. O ingresso no cordão ocorria mediante convite dos organizadores e quase sempre era mediado por laços de parentesco e amizade. Assim, basicamente, o cordão era composto por membros de quatro famílias: Ribeiro e Oliveira, vindas de Saracura, e Guimarães e Santos, da comunidade Bom Jardim. Em linhas gerais, as apresentações do cordão tematizam a vida do próprio pássaro Tachã (o personagem), versada e cantada em 15 comé-

dias e 12 cantigas que se alternam. Os personagens principais são: o pássaro Tachã, Florentino, Quintino, Camponesa, Camponês, Caçador, Sargento, Doutor, Pajé Pinguim, Tuxaua, índios e palhaços. Um grupo de músicos acompanha os brincantes e anima a brincadeira.



1ª cantiga – Boa noite, meus senhores! (marcha)

Lá, lá, lá, lá, lá...

Boa noite, meus senhores!

Dê licença, que nós queremos entrar

Com essa ave tão mimosa

Que aqui viemos brincar (bis)

Refrão: Aqui, viemos apresentar

O nosso Tachãzinho, faz mover o coração

Lá, lá, lá, lá, lá...(2x)

1ª comédia

Brincante 1: Brilha nas Cordilheiras o lindo sol
da manhã

Brilha nos vossos olhos o gracioso Tachã!

Brincante 2: Nós chegamos nessa casa disposto
para brincar

Com o nosso Tachãzinho disposto para bailar.

Brincante 3: Baila Tachãzinho faceiro, amostra teu
proceder

Aqui tu foste nascido e aqui mesmo vais morrer.

Depois dessa apresentação entoa-se uma cantiga dirigida, geralmente, aos contratantes da apresentação ou aos donos do lugar em que o cordão está se apresentando. Nesta cantiga, os integrantes formam um grande círculo para dançar.

*2ª cantiga – Balanço de roda – Nós chegamos
nessa casa*

Nós chegamos nessa casa
Com alegria e todo prazer (2x).
Viemos trazer Tachãzinho
Para todo mundo ver
Meus senhores e senhoras
Queriam nos agasalhar
Com essa ave tão mimosa
Que aqui viemos brincar
Lá, lá, iá, lá, lá, iá lá...

Em seguida, Florentino e Quintino, personagens que encabeçam as duas filas, encontram-se no meio do salão.

2ª comédia

Quintino: Alô, Florentino!

Florentino: Pronto, senhor Quintino!

Quintino: Como vai, como tens passado?

Florentino: Eu, bem, muito obrigado!

Quintino: Por ter o prazer de chegar ao vosso lado apresentando o gracioso Tachã. Saberá que Tachã, por mim, é muito estimado. Não dorme, nem imaginas! Senão serás enforcado!

Florentino: Tá certo, chefe! Sou forte que nem aço, sou por dentro que nem besouro. Se eu pegar descuidado, caceto moço no escuro!

Neste momento, a camponesa sai da fila das mulheres e se dirige a Quintino, que vai ao seu encontro no meio do salão, dando início à terceira comédia.

3ª comédia

Camponesa: Salve, o chefe desse bloco!

Quintino: Salve, senhor diretor! Diga-me o que quer, e o que vem de meu senhor.

Camponês: A esse bichinho, que bem sabe o senhor. Quero guiar o meu querido amor, Quero livrar Tachãzinho das garras do caçador!

A Camponesa se dirige ao meio do salão na direção em que estão Florentino e Quintino, e, então, começa a cantar. Nesta cantiga, ingressa no salão o Caçador, que fica mirando o pássaro Tachã com sua arma, enquanto a Camponesa tenta defendê-lo com sua lança.

3ª cantiga – Eu sou um camponês afamado (valsa)

Solo (Camponês): Sou um camponês afamado
Recordo isso com amor

Vou proteger o Tachã, ô meu Deus!

Das garras de um caçador.

Todos: Vai proteger o Tachã, ô meu Deus!

Das garras de um caçador.

Solo (Camponês): Sou um camponês afamado

Recordo isso com amor

Vou proteger o Tachã, ô meu Deus!

Das garras de um caçador.

Todos: Vai proteger o Tachã, ô meu Deus!

Das garras de um caçador.

Nesse ponto, o Caçador revela a todos o seu propósito para com o pássaro, e é advertido por Quintino.



4ª comédia

Caçador: Eita, eita! Alerta, turma do Tachã!

Eu sou um desbravador das matas

Que nunca errei um só tiro!

Pois entro de peito aberto

Porque sou desassombrado

Pois hoje tenho que matar

Nem que seja Tachãzinho falado!

Quintino: Alto lá, bandoleiro!

Aqui, tu não invadirá!

Se tu entrar, te arrependerá!

Caçador: Moço, contigo não quero conversar!

Antes de cumprir o meu intento,

Um sambinha vou cantar.

Quintino: Ouvirá teu cantar!

Nesta cantiga, o Caçador trava uma luta com Quintino, que defende o pássaro, mas ao final não consegue impedir a morte do Tachã. Morto, o Tachã permanece de joelhos ao chão. Lamentações pela morte do pássaro e ameaças ao caçador são feitas na quinta comédia e na cantiga que a segue.

5ª comédia

Quintino: Ô, caçador malvado!

Homem sem coração!

Matasse [matastes] o pobre bichinho

E vai sofrer na prisão!

Caçador: Matei e vou comer com arroz e macarrão.

Diante do Tachã morto, Quintino canta o lamento de sua morte, dirigindo-se ao Caçador, em tom extremamente dramático e choroso.

5ª cantiga – Desse tamanho tiro (valsa)

Solo (Quintino): Desse tamanho tiro

Que meu corpo abalou

Matasse o nosso Tachã

Homem de mau coração.

Todos: Desse tamanho tiro

Que meu corpo abalou

Matasse o nosso Tachã

Homem de mau coração.

Solo (Quintino): Tu és covarde, um caçador,

Que matou o Tachã azul.

Todos: Tu és covarde, um caçador,

Que matou o Tachã azul.

Inconformado, Quintino vai para o meio do salão fazer cobranças a Florentino, a quem havia recomendado cuidados com o Tachã. Quintino chega a suspeitar que Florentino estivesse envolvido na morte do pássaro e ameaça também matá-lo, se ele não capturar o Caçador.

6ª comédia

Quintino: Alô, Florentino, alô, Florentino!

Onde estás, que não me respondes?

Não será porventura

Um falso traíçoeiro

Ajudante desse crime praticado?

Florentino: Ô, senhor! Não serei tão mau assim

Apenas por um descuido

E horas silenciosas

Quintino: Não repita as palavras, hipócrita!

Pelo teu castigo

Tem que trazer esse perverso,

Se não pagarás com a vida!

Florentino: Tá certo, chefe!

O malfeitor nunca poderá fugir o castigo

Cedo ou tarde,

Tem que cair nas malhas dos perigos.

Florentino, furioso, vai ao encontro do caçador.

7ª comédia

Florentino: Ô, caçador malvado,

Homem sem resistência!

Caçador: Afasta-te, moço!

Antes que me falte paciência.

Florentino: Pois como eu não vim me combater

Eu vou me *arretirar*.

Caçador: Vai dizer a seu chefe,

Que eu nunca fiz arte para falhar.

Não obtendo resultado, Florentino pede ajuda ao Sargento e seu batalhão.

8ª comédia

Florentino: Sargento que me protege

Na prisão do caçador!

Sargento: Pronto, senhor!

Vou mostrar o meu valor

Com um tiro de metralha

No peito do caçador.

Florentino: Sargento, tome cuidado!

Não pegue de supetão

Pois o homem é acostumado

E tem fama de valentão.

Sargento: Eu sou um sargento duro

Tenho o meu galão de ouro

Vou prender o caçador
E não vou ouvir desaforo.

Florentino: Veremos!

Posicionados ao centro do salão, Sargento e soldados marcham enquanto cantam; depois, seguem para prender o Caçador.

6ª cantiga – Nós somos fuzileiros navais

Todos: Marchamos de linha para o campo,
Armados de fuzil na mão,
Para prender o caçador
Nesse centro de campina.

Nós somos fuzileiros navais.
Somos soldados da primeira linha,
Para prender o caçador
Nesse centro de campina.
Lá, lá, lá, laiá

O sargento e seu batalhão dirigem-se ao caçador.

9ª comédia

Sargento: Entrega-te caçador!
Bandido, salteador!

Agora que eu quero ver,
Tua bravura e teu rancor!
Conhece que com quem tá pegado
Com sargento acostumado,
Que só vivo sentido dor!

Caçador: Pois eu tô vendo, sargento,
Que você tem seu batalhão
Só poderei *me entregá-lo*
Se faltar a munição,
Pois nem que seja pra morrer
Eu resolvo essa questão!

Sargento: Vamos ver se tua munição
Vai resolver com meu batalhão!

Sem conseguir prender o Caçador, o Sargento e os soldados recorrem ao auxílio do Tuxaua e seus índios.

10^a comédia

Sargento: Tuxaua, que me protege
Na prisão do caçador!

Tuxaua: Pronto, senhor!
Vou mostrar o meu valor

Com o bico da minha flecha
No peito do caçador!

Em formação no meio do salão, o Sargento, os soldados, o Tuxaua e os índios cantam e dançam em direção ao Caçador, até se aproximarem para prendê-lo.

7ª cantiga – No bico da minha flecha

Solo (Tuxaua): No bico da minha flecha /
Tem dois dedos de largura /
No peito do caçador /
É uma morte bem segura (bis)

Todos: Deixa o arco e deixa a flecha
Deixa, vamos festejar!
São João, que nós cantamos,
Nasceu para nos salvar!

Todos: No bico da minha flecha
Tem dois dedos de largura.
No peito do caçador
É uma morte bem segura! (bis)

Deixa o arco e deixa a flecha
Deixa, vamos festejar!
São João, que nós cantamos,
Nasceu para nos salvar!

11^a comédia

Tuxaua: Entrega-te caçador, nenhuma conversa fiada,
Senão eu dou ordem para dar uma flechada!

Caçador: Renda a minha prisão pra terminar com a confusão.

Cercado pelo Sargento, o Soldado, o Tuxaua e os índios, o Caçador com as mãos para cima em sinal de rendição, é conduzido de uma ponta a outra do salão, enquanto os demais cantam e dançam, até se aproximarem do Tachã morto. Então, o Caçador canta sua súplica.

8^a cantiga – Ó Deus, de mim, tenha dó! (valsas)

Caçador (todos): Ó Deus, de mim, tenha dó!

Tenha, de mim, compaixão!

Livrai-me dessa cadeia!

Soltai-me dessa prisão.

Todos: Chorai, chorai, companheiro,

Pelo nosso amiguinho!

Se não chorai de alegria

Pelo nosso passarinho.

Caçador (todos): Ó Deus, de mim, tenha dó!

Tenha, de mim, compaixão!

Livrai-me dessa cadeia!

Soltai-me dessa prisão.

Todos: Chorai, chorai, companheiro,
Pelo nosso amiguinho!
Se não chorai de alegria
Pelo nosso passarinho.

O Sargento se dirige a Florentino, iniciando a comédia seguinte.

12ª comédia

Sargento: Pronto, senhor!

De trazer preso, sabia,
Entrego em vossas mãos

O caçador preso, como queria!

Florentino: Pois, obrigado sargento!

Arregresso sua caserna.

Sargento: Fora de forma!

Soldado: Boa!

Inicia-se o julgamento do Caçador.

13ª comédia

Florentino: Então, me diz caçador!

Que mal te fez esse passarinho

Que vivia alegre e satisfeito

Carregando alguns pauzinhos

Para fazer o seu ninho?

Caçador: Mal, nenhum, senhor!

Mas, eu sou um caçador

E não me sinto de ter dado a morte

A esse bichinho

De tão pequeno valor.

Florentino: Pois tu sabes, com quem tu estás falando?

Caçador: Com uma banda de tamanco!

Florentino: Ah vilão desumano, dou-te a morte!

Caçador: Ajoelho ao pé da cama

Mãe, ó mãe, por ti chamei!

Senhor, senhor perdoai,

Esse crime que pratiquei!

Brincante: Ó senhor, tenha santa paciência!

Pois não mate este pobre homem,

Pois peço, por Deus e clemência!

Pois atendei a minha voz

Que Jesus morreu por nós,

Sem usar a violência!

Florentino: Pois *alevantar-te* facinoroso!

Pois não tem minuto a perder

Ou dai vida ao meu Tachã,
Ou aqui mesmo vai morrer!

Caçador: Certo, chefe, assim farei!

O Caçador, arrependido, clama à Virgem Maria para que o ajude a encontrar um pajé ou um doutor que traga o Tachã de volta à vida.

14^a comédia

Caçador: Esposa de castro fiel,

Neste vinagre com fel

Que Cristo bebeu na Cruz!

Rogai, por mim, Jesus

Nesta prisão cruel!

Tantas almas competentes

Estigai a minha dor

Derramai a vossa benção

A este pobre caçador

Mostrai-me nessa hora bendita

Um bom pajé e um doutor!

Ingressa o Doutor, dirigindo-se ao Caçador.

Doutor: Alô, caçador!

Tô disposto a presença



Pois diz-me, o quê sabes fazer?

Em competição de doutor

Não conheço competidor

Mas também sou diplomado, caçador!

Caçador: Como assim?

Doutor: Curandeiro, mandingueiro e um excelente feiticeiro!

Caçador: Pois preciso do seu auxílio

E garanto muito dinheiro.

Papoquei fogo num pássaro

E o dono quer com vida

Não sou doutor, não sou curador

Nem um tanto milongueiro,

Pois preciso do seu auxílio

E garanto-lhe muito dinheiro!

Doutor: Vou ver que jeito posso dar.

Vou dar uma benzedela,

Para seu galho quebrar

O Doutor dirige-se ao Pássaro Tachã, averiguando a sua situação.

Doutor: Xii, Caçador, esse bichinho

Tá todo quebradinho

Caçador: Como assim, Doutor?

Doutor: O papo está no rabo

O rabo está na moela

O figado na titela

E o passa pirão, na goela!

O Doutor, dirigindo-se novamente ao Caçador, complementa.

Doutor: Xii, caçador, esse bichinho tá de amargar!
Mas vou chamar meu amigo pinguim,
Que tudo se fará.

Não conseguindo trazer o Tachã à vida, o doutor recorre à ajuda do Pinguim (Pajé).

Doutor: Alô, Pinguim!
O que eu aprendi não foi pra mim,
Sei do bom e do ruim
Pois topo todas as paradas
E a minha batida é assim!

Pinguim: Mas, sim, Doutor,
Vai dizendo o que deseja com seu criado Pinguim!

Doutor: Pinguim, eu preciso de tua ajuda
Para livrar o Caçador
Dessa *gracinha* miúda
Papocou fogo no pássaro
E promete notas graúda
Vamos ganhar esse dinheiro
Com mentiras e tudo?

Pinguim: Vou dar uma olhada
Com este olhar de feiticeiro

Trago tudo preparado
Disposto a ganhar dinheiro

Doutor: Bora lá pinguim

Que a parada tá dura
Pra cima de mim

Pinguim: Não se avexe Caçador

Algum remédio vou lhe dar

Vou dar uma benzeção

Para o seu galho quebrar

Goela do gavião

Peito do tracajá

Pescoço da cobra

Braço do embuá

Foi noivado sete vezes

Sete amores eu matei

Foi casado sete vezes

Sete mulheres eu matei

Foi à guerra sete vezes

E sete navios fundeei

Sete bala na canela

Pois foi o prêmio que eu ganhei!

Pita e repita
Pois dá teu sinal
A tua alma e teu corpo
Tá tudo no lugar
Vou controlar o caçador
Para outra vez te matar
Quando tiver aperreado
Manda logo me chamar
Quinhentos réis por dia
Já dá para nós passar.

Após ressuscitar o pássaro Tachã, o Pinguim vai ao encontro do Doutor.

Pinguim: Pronto, Doutor!
Curei que nem gemi
Recebo dinheiro
Que eu quero ganhar o meu.

Assim, o Doutor dirige-se ao Caçador.

Doutor: Pronto, caçador!
Tá curado, o teu bichinho,
Do seu rico salão!

Pois dei-me seu preço *ataxado*
Deponho tua consciência.

Caçador: Não sei se vou te dar muito,
Vou dar-lhe quinhentos mil réis.

Doutor: Ô, caçador!
Faz outra proposta melhor
Para modo eu e Pinguim
Não se zangar
Para não te sair muito caro
Manda tocar um sambinha
Bem arrepiado
Pra mim e Pinguim requebrar.

9ª cantiga – Sou Doutor, sou curador

Doutor: Sou doutor, sou curador
Comigo não tem igual
Curo vivo, curo morto
Curo todos, afinal!

Todos: Ô, seu doutor,
Pois é bem grande o seu poder!
Que curou nosso Tachã
Depois dele morrer!

Depois do pássaro ressuscitado, o Caçador se dirige a Florentino.

15ª comédia

Caçador: Pronto, senhor!

Tá curado o seu bichinho do seu rico salão.

Me entregue a minha arma

Que eu vou seguir para o Japão!

Florentino: Deponho em tuas mãos

Se aqui voltais, será devorado!

Caçador: Voltei, voltei!

Que alegria!

De novo, *saláris* meu

Bendito, seja Maria!

Louvado sejas, meu Deus!

Após a ressurreição do Tachã, ingressam no salão os palhaços para animar e brincar com a plateia.

10ª cantiga - O palhaço é bom

Todos: Nosso palhaço é bom

É bom para brincar (bis)

No cordão do Tachã

Dança até *assindιά*

A nossa brincadeira

Não repare se tem erro

Que o palhaço é meio besta
Pra dançar neste salão

11ª cantiga – Mimoá a ti papuca

Todos: Mimoá a ti papuca

Panguzi pa cantarela
Bomba atômica maluca
Bomba atômica com ela

Requebra menina
Aguenta o rojão
Se é essa a tua vontade
Satisfaz teu coração (bis)
Vou fazer uma pergunta
Quero que responda a minha
Quem foi que nasceu primeiro?
Foi o ovo ou a galinha?

Requebra menina
Aguenta o rojão
Se é essa a tua vontade
Satisfaz teu coração (bis)

Em seguida, os palhaços saem, e as filas se recompõem para cantar a última cantiga, acenando com o braço para todos da plateia, em sinal de despedida.

Manter o cordão do pássaro Tachã é um desafio para seus organizadores, que dispõem de recursos limitados para arcar com o sustento da própria família e com as despesas regulares da brincadeira – por exemplo, confecção e restauração de figurino, transporte e lanches para as apresentações. Mesmo assim, esse cordão se tornou um elemento central na comunidade, além de um símbolo da cultura e da luta dos quilombolas pelo território em que vivem. Logo, ele é cuidado com muito afinco para não acabar, como diz Isabel Ribeiro dos Santos, que faz a personagem da Camponesa: “é uma cultura da nossa comunidade que a gente não pode deixar acabar. O meu pai fez de tudo para não acabar o Tachã e eu pretendo continuar até passar para outro e para outro. Antigamente eram os mais antigos, agora somos nós”.

Referências

BANDEIRA, Felipe de Lima. O processo de reorganização do movimento quilombola no Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Educação Interterritórios*, Caruaru, v. 9 n. 18, e257994, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.257994>. Acesso em: 19 set. 2024.

FIGUEIRA, Cláudia Laurido. História de negros no baixo amazonas: Bom Jardim, estudo de caso de uma comunidade quilombola em busca da sua identidade (1996-2006). Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/5291>. Acesso em: 26 ago. de 2024.

FRANÇA, Luiz Fernando de; GUIMARÃES, Raquel Gonçalves. Estórias quilombolas, estrutura narrativa e sentido social: os fatores sócio-culturais como elementos estéticos. *Revista Galo*, n. 2, p. 13-24, 25 out. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.53919/g2l1>>. Acesso em: 26 ago. de 2024.

FUNES, E. *Bom Jardim, Murumurutuba, Murumuru, Tiningu, Ituqui, Saracura, Arapemã: terras de afro-amazônidas - "Nós já somos a reserva, somos os filhos deles"*. [S. l.], 1995. Disponível em: <http://www2.ufopa.edu.br/ufopa/arquivo/docdiv/2017/bom-jardim-murumurutuba-murumuru-tinguituqui-saracura-arapema.-terras-de-afro-amazonidas-201cnos-ja-somos-a-reserva-somos-os-filhosdeles201d/view>. Acesso em: 12 jun. 2020.

LIMA, Aldo Luciano Corrêa de. *Pássaro tachã: uma análise da performance de um cordão de pássaro*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2014.

SANTOS, Joilson Vasconcelos dos. *Traços da formação do quilombo de Bom Jardim (1876-2004): uma análise a partir da perspectiva da longa duração*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação Santarém, Pará, 2017.

SILVA, Herivete Pereira; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; ALVES, Bianca Mirella Ferreira; FERREIRA, Luciula Romana da Silva (org.). Meu

quilombo Bom Jardim: contos, poesias e cantigas dos alunos de uma escola quilombola na Amazônia. Santarém: Ufopa, 2023.

SILVA, Wagner Fernando da Veiga e; RABELO, Andrea. Memórias e sentidos da terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim, Santarém – Pará. *Caderno 4 Campos*, Belém, n. 2, p. 16-31, 2023.

Disponível em: https://e6e8f11b-5130-4f85-8dcb-7d3bfad72275.filesusr.com/ugd/1e1398_649728e972d5469b8303bd68e6c87d65.pdf.

Acesso em: 26 ago. 2024.

SILVA, Wanderley Rocha da. Agroextrativismo de açaí em várzeas do Maicá: comunidades existentes e perspectivas sustentáveis. In: ENCONTRO DE ESTUDOS E DEBATES SOBRE ÁGUAS DOCES DE SANTARÉM E BAIXO AMAZONAS, 20., 2022. *Anais* [...]. Santarém: [s. n.], 2022. Disponível em: <https://10.29327/FOPIESS2022.489542>.

Nota sobre a produção deste livro

Este livro da série *Amazônia recontada* tem uma história singular. Surgiu como um projeto conjunto de edição dos trabalhos de conclusão de curso de graduação de Aldo Luciano Corrêa de Lima e Joilson Vasconcelos dos Santos, respectivamente intitulados “Pássaro Tachã: uma análise da performance de um cordão de pássaro” e “Traços da formação do quilombo de Bom Jardim (1876-2004): uma análise a partir da perspectiva da longa duração”. Ambos foram realizados na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), tematizando a comunidade quilombola Bom Jardim e refletindo as relações de colaboração entre quilombolas e não quilombolas, propiciadas e fortalecidas na comunidade acadêmica.

Dessa maneira, o livro reúne textos autorais de Aldo e Joilson, resultantes das pesquisas que eles conduziram, cada um com sua perspectiva e seu método, entre 2011 e 2017. Juntos, nós três pretendíamos produzir este livro com base nos trabalhos realizados; logo, selecionamos os textos e as fotografias que dariam origem às ilustrações ora apresentadas. Pouco tempo após iniciarmos os trabalhos de edição dos textos, porém, fomos surpreendidos pelo adoecimento seguido do falecimento de Aldo, ocorrido em maio de

2023. Após esse triste acontecimento, o projeto ficou em suspenso por cerca de 18 meses. Finalmente, foi retomado como forma de honrar os compromissos assumidos entre nós três e, mais uma vez, saudar a memória de nosso colega e parceiro. Nessa retomada, a atenção de Joilson foi fundamental para sanar dúvidas e aprimorar a edição.

Santarém, 14 de setembro de 2024.

Luciana Gonçalves de Carvalho

Os autores

Aldo Luciano Correa de Lima (*in memoriam*) – antropólogo e mestre em Ciências da Sociedade, formado na Ufopa, foi assessor da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS), de 2006 a 2023. Na graduação em Antropologia, desenvolveu o trabalho “Pássaro Tachã: uma análise da performance de um cordão de pássaro” sob a orientação da professora Luciana Gonçalves de Carvalho. No mestrado, defendeu a dissertação “Terra de Negros: uma etnopedologia da terra preta em quilombos de Santarém”, orientada pela professora Lilian Rebellato. Atuou em diversos projetos voltados, principalmente, à difusão dos direitos territoriais e à valorização da cultura das comunidades de Santarém e adjacências. Com Dileudo Guimarães dos Santos, presidente da FOQS por três mandatos e da Associação de Remanescentes de Quilombo de Bom Jardim (Arqbomja) por muitos anos, conheceu a comunidade quilombola Bom Jardim e, por intermédio do senhor Raimundo Ribeiro dos Santos, o seu Cordão do Pássaro Tachã. Em 2013, já bastante envolvido com a comunidade Bom Jardim e tendo a anuência e a participação do responsável pelo cordão, elaborou o projeto Pássaro Tachã – memória e fortalecimento da identidade quilombola de Bom Jardim para participação em um edital da Fundação

Nacional de Arte (Funarte). Agraciado com o Prêmio Funarte de Arte Negra/2012, esse projeto teve como objetivo fortalecer a produção e a difusão cultural do Tachã.

Joilson Vasconcelos dos Santos – liderança quilombola de Bom Jardim, fundador do coletivo Ogum, que desde 2003 trabalha com jovens e crianças na comunidade. É licenciado pelo Programa de Ciências Humanas – Curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia da Ufopa (2017), é autor do trabalho de conclusão de curso intitulado “Traços da formação do quilombo de Bom Jardim (1876-2004): uma análise a partir da perspectiva da longa duração”. É, também, especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Ufopa (2019), pós-graduado em Relações Étnico Raciais Indígena e Quilombola pela Universidade Federal de Ouro Preto (2021), e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Ufopa. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Santarém (Semed).

A editora

Luciana Gonçalves de Carvalho – Doutora em Antropologia (UFRJ), com pós-doutorado na mesma área (UnB). Professora na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) e na Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades

Amazônicas, Cultura e Ambiente (Sacaca/Ufopa) e líder do Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Território e Novos Direitos na Amazônia. Coordenadora do Comitê de Patrimônios e Museus da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Coleção Amazônia Recontada

O quilombo Bom Jardim e seu pássaro Tachã

© Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor

Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitor de Administração

Raimundo da Costa Almeida

Pró-Reitor de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal

Loiane Prado Verbicaro

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Nelson José de Souza Júnior

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Cristina Kazumi Nakata Yoshino

Pró-Reitor de Relações Internacionais: Edmar

Tavares da Costa

NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE

Diretor Geral

Gilberto de Miranda Rocha

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

Reitora

Aldenize Ruela Xavier

Vice-Reitora

Solange Helena Ximenes Rocha

Pró-Reitora de Cultura, Comunidade e Extensão:

Ediene Pena Ferreira

Pró-Reitor de Administração

Warlivan Salvador Leite

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Carla Marina Costa Paxiuba

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Fabriciana Vieira Guimaraes

Pró-Reitor de Gestão Estudantil

Luamim Sales Tapajós

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Cauan Ferreira Araújo

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica:

Kelly Christina Ferreira Castro

REALIZAÇÃO

Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedades Amazônicas, Cultura e Ambiente (Sacaca)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA)

Comissão editorial

Bruno Alberto Paracampo Mileo (Ufopa)

Judith Costa Vieira (Ufopa)

Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa)

Voyner Ravena-Cañete (UFPA)

Conselho científico

Alvatir Carolino da Silva (Ifam)

Edgar Chagas Júnior (Unama)

Elenise Farias Scherer (Ufam)

Estevão Rafael Fernandes (Unir)

Florêncio Almeida Vaz Filho (Ufopa)

Joaquim Shiraishi Neto (UFMA)

José Maria Silva (Unifap)

Lilian Rebellato (Ufopa)

Lúis Fernando Cardoso e Cardoso (UFPA)

Mariana Ciavatta Pantoja Franco (Ufac)

Marisa Barbosa Araújo (UFRR)

Rosirene Martins Lima (Uema)

Socorro Batalha (Ufam)

Solange Maria Gayoso da Costa (UFPA)

Suíá Omim Arruda de Castro Chaves (UFT)

Zair Henrique dos Santos (Ufopa)

O quilombo Bom Jardim e seu pássaro Tachã

Esta publicação resulta da edição de textos produzidos por Aldo Lima e Joilson

Vasconcelos nos trabalhos de conclusão de curso intitulados "Pássaro Tachã: uma análise da performance de um cordão de pássaro" e "Traços da formação do quilombo de Bom Jardim (1876-2004): uma análise a partir da perspectiva da longa duração".

Pesquisa e texto

Aldo Luciano Corrêa de Lima

Joilson Vasconcelos dos Santos

Edição de texto

Revisão de texto

Jane Muniz

Ilustração

Rodrigo Neves

Todas as ilustrações são baseadas em registros fotográficos da comunidade produzidos pelos pesquisadores autores dos textos.

Projeto gráfico

Claudia Duarte | Avellar e Duarte

Financiamento

Programa Institucional de Bolsas de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal do Oeste do Pará (PEEx/Ufopa)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Núcleo de Meio Ambiente/UFPA, Belém, PA

L732q Lima, Aldo Luciano Corrêa de
O quilombo Bom Jardim e seu pássaro Tachã [recurso eletrônico] / Aldo Luciano Corrêa de Lima, Jolison Vasconcelos dos Santos ; [Editora técnica], Luciana Gonçalves de Carvalho. — Dados eletrônicos. — Belém: NUMA/UFPA, 2024.
90 p. : il. color. (Coleção Amazônia recontada; v. 3)
Inclui referências
Sistema requerido: leitor de PDF (Adobe Reader, Foxit Reader, etc.)
ISBN 978-65-88151-32-7.

1. Teatro folclórico brasileiro - Santarém (PA). 2. Folclore das aves - Santarém (PA). 3. Cultura popular - História - Santarém (PA). 4. Quilombolas - Santarém (PA). I. Santos, Jolison Vasconcelos dos. II. Carvalho, Luciana Gonçalves de, Ed. Título. II. Série.

O Quilombo Bom Jardim é um lugar de resistência e cultura, onde a comunidade valoriza suas raízes afro-brasileiras. Localizado em meio à natureza exuberante, é um espaço de preservação da tradição e do saber popular. O pássaro Tachã, com suas plumagens vibrantes, simboliza a liberdade e a força da luta dos moradores. Cantando ao amanhecer, é um guardião do lugar, trazendo esperança e alegria.

Apoio



Realização



ISBN: 978-65-88151-32-7

CDL



9 786588 151327